



1



BEAU



Pensava que irritar o meu irmão e partir de rompante me faria sentir algo.

Estava enganado.

Até agir como um tremendo cretino quando devia estar a ajudar um amigo da família a mudar-se para a sua nova casa me parece... insípido.

Enquanto desço a rua principal de Chestnut Springs, curvo os dedos, cravando as unhas na pele.

Também não sinto isso.

Só me sinto cansado.

Mas não o suficiente para dormir.

O apito de um comboio soa e paraliso. Passei anos a disfarçar a forma como os barulhos fortes me sobressaltam, mas desta vez é diferente.

Seria de esperar que escolhesse lutar ou fugir, mas hoje em dia preparam-me.

Paro.

Espero que alguma emoção me atinja. Medo, ansiedade, desilusão.

Mas, por estes dias, não sinto nada.

Na esquina da Rosewood com a Elm, viro-me a fim de ver o comboio passar. Aos soluços. Para a frente e para trás. Do ponto A para o ponto B. Carregar. Descarregar. Esperar que a noite passe. Recomeçar.

— Sou um comboio — murmuro, vendo o calcar das rodas nos carris.

Trabalho o dia inteiro no rancho porque é o que devo fazer. Faço o mínimo. E odeio cada segundo.

Uma mulher passa por mim com um bebé num carrinho e lança-me um olhar confuso. A sua expressão transforma-se em surpresa ao reconhecer-me. Talvez tenhamos andado juntos na escola secundária, mas o mesmo se aplica a toda a gente desta terra que nasceu no mesmo intervalo de poucos anos.

— Oh, Beau! Desculpa. Por um segundo, não te reconheci.

Provavelmente porque não corto o cabelo há meses.

Não me lembro de como se chama, por isso forço um sorriso.

— Não faz mal. Estou a bloquear a passadeira, não estou? Pronto... —

Estendo o braço para premir o botão de atravessar por ela.

A mulher de quem não me lembro abre-me um sorriso agradecido, ajustando melhor um saco no ombro enquanto tenta segurar o carrinho a transbordar de uma quantidade desnecessária de coisas.

— Obrigada! É bom ver-te por aqui. Tiveste toda a Chestnut Springs preocupada por um par de semanas.

A minha face contrai-se sob o esforço de manter a boca puxada para cima. Sim, era da JTF2, a unidade de forças especiais de elite do Canadá. Sim, perdi conscientemente o nosso transporte de saída para salvar um prisioneiro de guerra. Sim, estive desaparecido em serviço durante semanas e quando me encontraram o meu estado era péssimo.

Ainda é.

As pessoas adoram falar sobre isso.

Pregaste-nos um grande susto.

Tenta apanhar a tua boleia da próxima vez, sim?

Aposto que adoras toda esta atenção.

E quando pensam que não estou a ouvir, os comentários tornam-se menos jocosos e mais do tipo facada nas costas.

Tem ar de quem se vai passar a qualquer momento.

Nem o terapeuta o conseguiu consertar.

Ao que chamo estúpido, ele chama heroico.

Têm todos boas intenções, mas a forma como se expressam incomoda-me. Como se o facto de ter ficado preso em território inimigo durante

uma missão lhes dissesse respeito. Como se eu tivesse assustado as pessoas de propósito ou simplesmente decidido não atender o telefone. Os civis não fazem ideia das merdas que vi, das decisões que fui forçado a tomar.

Por isso, ignoro-os.

— Não há como não adorar o apoio de um meio pequeno e unido — comento apenas, porque não posso dizer o que penso. Ser o verdadeiro eu, o novo eu, só deixaria as pessoas desconfortáveis.

— Bem, tem-lo aos montes. — Com um aceno simpático, ela vira-se e atravessa a rua.

Desvio o olhar, não querendo segui-la, mas também sem saber para onde ir. Em sentido contrário, suponho.

E é então que os meus olhos pousam no Railspur, o melhor bar de Chestnut Springs.

Não importa que o céu esteja azul e o sol brilhe nesta bela tarde de verão. Não importa que tenha irritado o meu irmão Rhett. Não importa que um amigo precise da minha ajuda para descarregar móveis a poucos quarteirões de distância.

Neste momento, o bar local parece um belo buraco para me esconder. E uma bebida também não soa nada mal.



— Gary, se não abrandares, tiro-te as chaves.

O homem mais velho, de rosto corado, resmunga ante o aviso da Bailey enquanto puxo um banco a alguma distância dele. Viro-o de modo a ficar voltado para a porta, com um cotovelo apoiado no balcão. Pode ser só mais um bar de uma pequena localidade, mas a ampla modernização imprime-lhe uma aura digna que me agrada. Decoração *western* enche o espaço, um lustre em roda de uma carroça pende sobre o soalho envernizado, e os copos a imitar frascos de conserva dão-lhe um ar rústico.

— Não sei quando te tornaste tão impertinente — resmunga ele, afastando o copo de cerveja da boca. — Mal falavas com alguém. Agora, passas a vida a dar-me ordens como uma pequena tirana.

O lustroso cabelo quase preto da Bailey Jansen balança sobre os seus ombros bronzeados. Está de costas para nós enquanto se baixa para tirar copos da pequena máquina de lavar loiça atrás do balcão.

— Habituei-me, suponho. E fazem-te bem umas ordens, velhote. Aqui sentado, a importunar-me todos os dias.

— Eu não faço isso. Sou admiravelmente simpático para ti. Um dos poucos que o são, parece-me.

Vira-se agora, com uma toalha branca na mão, para apontar o dedo ao seu único cliente no bar tranquilo.

— É verdade. E considero-te um amigo, razão pela qual te digo todos os dias que bebes demasiado.

Volta o olhar para mim, arregalando de surpresa os seus olhos escuros, como se, com o som da música *country* e o zumbido da máquina de lavar loiça, não me tivesse ouvido chegar.

— Se eu parar, ficas sem emprego. E talvez sem um amigo.

O Gary continua a falar com ela como se não tivesse reparado na minha presença, mas ela responde-lhe sem desviar os olhos de mim.

— Posso viver com isso, Gar. — Hesita, passando a língua pelos lábios entreabertos.

Uns lábios cheios e brilhantes.

— Beau Eaton. Que bom ver-te.

O homem vira-se, alertado agora para a minha presença.

— Bem, merda, é mesmo o Beau Eaton, não é? Grandalhão, não és? — pergunta o Gary, arrastando a voz, e a mão livre da Bailey dispara para lhe surripiar as chaves de cima do balcão.

O Gary fecha os olhos e gème.

— Todos os dias.

— Sim. Todos os dias. — Enfia-as no bolso de trás e vira-se outra vez para a máquina de lavar loiça cheia de copos. — Beau, o que te posso servir? Vem alguém juntar-se a ti? Provavelmente, queres o teu sofá favorito, não?

Engulo em seco e olho para o sofá onde os meus irmãos, os meus amigos e eu desfrutámos de muitas saídas à noite. Parece que era outra versão minha que ali se sentava. O novo Beau instala-se ao balcão com

a vizinha tímida, cujas *Levi's* desbotadas lhe assentam melhor do que eu alguma vez vi a quem quer que fosse.

E com o triste bêbedo da terra.

— Não, sou só eu hoje. Quero o que o Gary estiver a beber.

— Uma *Buddyz Best* para o herói da vila! — O Gary bate com a mão aberta no balcão, e retrai-me ante o ruído súbito. Perante o rótulo. Podia desabar sob o peso de todos me verem como se o meu lugar fosse algum tipo de pedestal. Estão todos *sempre* a observar-me.

Olho para a sua mão desgastada, colada à madeira envernizada do tampo do bar. Fecho os olhos por um instante e passo a língua pela parte de trás dos dentes para me impedir de ranger os molares. Quando ergo o olhar, obrigando-me a agir de forma casual, a Bailey tem as sobrancelhas franzidas, as íris negras a perscrutar-me o rosto como se me tivesse decifrado por inteiro. O sorriso seco que me forço a plasmar nos lábios não parece impressioná-la. Na verdade, antes de virar as costas para me servir uma cerveja espumosa, abana subtilmente a cabeça, como se estivesse decepcionada.

Volto a percorrer-lhe o corpo com o olhar e dou voltas à cabeça, tentando lembrar-me da última vez que a vi. Sempre foi a pequena, doce e tímida Bailey Jansen. Tristemente nascida na família menos respeitada da terra. O pai e os irmãos envolveram-se em tudo — drogas, prisão, roubo — e a mãe pôs-se a andar há anos.

O pior é que as terras deles fazem fronteira com as nossas. Vejo-as da minha casa no rancho, logo no outro lado do rio, onde pus uma cerca de arame farpado para aqueles cretinos saberem onde voltar para trás.

Mas aos meus olhos a Bailey sempre foi diferente.

Sempre tive pena dela, sentindo-me seu protetor, ao longe. Os olhares, os sussurros. Imagino que viver num meio pequeno onde os residentes têm quase todos uma história sobre a sua família deva ser brutal. Por isso, sempre fui simpático. Gosto dela — não tenho razões para não gostar —, apesar de mal a conhecer.

Há anos que trabalha no Railspur; só... não me lembro quantos. Não consigo decidir se passaram anos suficientes para hoje reparar na forma como a sua camisola de alças sobe, mostrando um vislumbre da

pele da barriga lisa. Ou para pensar na forma como os seus seios perfeitamente redondos caberiam tão bem nas minhas mãos.

— Há quanto tempo trabalhas aqui, Bailey? — pergunto, vendo-a retesar os ombros quando o faço.

Murmura.

— Pouco mais de quatro anos. Comecei aos dezoito.

Vinte e dois anos.

Foda-se. Eu tenho trinta e cinco, o que significa que era um adolescente quando... Sacudo o pensamento e baixo os olhos enquanto ela larga uma base para copos à minha frente, seguida por um copo de cerveja dourada, a espuma branca a escorrer pelo rebordo.

— Obrigado — resmungo, passando uma mão pelo cabelo.

— Ahã — responde ela apenas.

A Bailey é a única pessoa na vila que não se apressou avidamente a dizer-me o herói que sou desde que voltei para casa. Não olha para mim embasbacada, como se eu fosse um animal raro num jardim zoológico.

Trabalha em silêncio e tento impedir os meus olhos de vaguearem para ela, perguntando-me porque passou de conversar alegremente a fechar-se assim que me sentei ao balcão.

— Desaparecido em serviço durante duas semanas, hã?! — começa o Gary, e vejo a Bailey revirar os olhos enquanto limpa um copo de cerveja até brilhar.

— Pois.

— Como foi isso?

Oh, boa. O único assunto de que as pessoas agora falam comigo.

— Gary! — A Bailey deixa cair as mãos ao longo do corpo e uma expressão de puro choque tinge-lhe o rosto.

— O que foi?

— Não podes perguntar esse tipo de coisa.

— Porque não?

Não consigo evitar. Rio-me e decido salvar a Bailey de sentir que precisa de me salvar.

— Quentinho. Fiquei com um belo bronzeado.

O homem semicerra os olhos, os movimentos algo desleixados. Pergunto-me há quanto tempo aqui está, porque mal passa da hora de almoço e encontra-se nitidamente podre de bêbedo.

— Ouvi dizer que ficaste queimado. Não é o bronzeado que eu esperaria.

— Ga-ry. — A julgar pela forma como a Bailey lhe pronuncia o nome, esta linha de interrogatório deixa-a horrorizada.

Arrasto a palma sobre o balcão, chamando-lhe a atenção.

— Não faz mal. Toda a gente sabe das queimaduras.

Ela pestaneja, os olhos de súbito um pouco vidrados.

— A sério, prefiro que as pessoas sejam diretas a que me passem graxa ou andem em bicos de pés perto de mim. Porque achas que estou aqui escondido a meio do dia?

— Porque a Bailey é a melhor empregada de bar da terra!

Ela suspira, curvando os lábios enquanto recomeça a limpar um copo. Tento lembrar-me se alguma vez a vi sorrir. Não sei. Está sempre ocupada a tentar fundir-se com a paisagem, e eu só cá venho quando o bar está concorrido. Nem sei se alguma vez lhe ouvira a voz como deve ser até agora. Tem um tom melodioso — uma delicadeza quase apaziguadora.

Estou farto de que as pessoas falem comigo, mas passa-me pela cabeça que talvez ouvir a Bailey não fosse assim tão mau.

O primeiro gole da cerveja desce fresco e revigorante. E suspiro quando isso acontece, sentindo um peso sair-me dos ombros na presença do bêbedo e do pária local.

Inadaptado na minha própria casa, reconheço-os agora como espíritos afins.

— Queimaduras de terceiro grau nos pés — anuncio, já que a frontalidade parece ser o tema de hoje. — Enxertos de pele.

— Não faz mal. Podes arranjar uma rapariga com um fetiche estranho por pés que adorará essa cena.

A Bailey apoia as mãos na beira do balcão e baixa a cabeça com um gemido.

— Jesus Cristo, Gary. Acabou-se o álcool.

— Desde que a tua pila esteja bem. — Com um gesto de mão, ele varre-me o corpo de cima a baixo. — A cara parece-me ótima, não achas, Bails? Vais ficar bem, miúdo. Vais encontrar alguém que te ame.

Mesmo bêbedo, o Gary tropeçou num ponto sensível. Nunca me considerei vaidoso ou obcecado pela aparência. Não precisei de o ser. Bons genes e ter de me manter em forma para o trabalho prestaram-me um bom serviço.

Quem diria que seriam uns pés desfigurados a dar cabo da minha confiança? Uns malditos *pés*. Como se tivessem sequer importância. Podia ter sido muito pior. Devia sentir-me grato. No entanto...

O olhar da Bailey vagueia sobre as minhas feições. E o meu faz o mesmo com as suas. Onde a luz o toca, o seu cabelo escuro tem um brilho de mogno. É sedoso e suave, caindo em camadas desde a longa franja junto ao queixo até ao ombro e depois pelas costas. Parece que a Bailey também corta poucas vezes o cabelo. Sou atraído de volta para umas pestanas tão densas e negras que me lembram uma daquelas bonecas antigas. Não usa um pingo de maquilhagem, o que revela um ligeiro borriço de sardas no nariz.

Um cálido rubor tinge-lhe as faces ao responder.

— Sim — diz baixinho, e desvia o olhar.

Os seus olhos, essa única palavra... aceleram-me o sangue.

Fazem-me sentir algo num mar de torpor.

A minha garganta agita-se enquanto engulo a security na boca, tentando repelir o momento. Talvez não esteja pronto para sentir algo, afinal.

Bebo outro gole e pergunto-me se conseguirei dormir mais do que algumas horas esta noite se despachar um par de cervejas.

E então bebo outro gole e arrasto uma mão pela barba no meu queixo antes de me virar para o Gary.

— Amor é a última coisa de que preciso. Mas esta cerveja é perfeita. Obrigado, Gary.

Falar com ele parece relativamente seguro. Mais seguro do que falar com a Bailey Jansen, que me observa demasiado atentamente com aqueles seus grandes olhos de corça.